

# Começa preparação de condições para acantonamento das tropas

Vai ter hoje início a prospecção e o levantamento das facilidades logísticas e sanitárias nas futuras zonas de acantonamento para as forças governamentais e da Renamo, ao abrigo do Acordo Geral de Paz para Moçambique.

O reconhecimento destas zonas aludidas vai começar pela província do Maputo, como parte de um processo faseado que vai abranger 29 áreas de acantonamento para os membros das Forças Armadas de Moçambique e 20 para os combatentes da Renamo.

Em princípio, serão estabelecidos 12 centros de acantonamento para ambas as partes, concebidos à medida dos recursos humanos, financeiros e logísticos das Nações Unidas.

Progressivamente, vão ser criadas outras zonas, à medida e proporcionalmente à alocação de meios para acomodação dos visados e segundo a chegada ao país dos observadores militares não armados das Nações Unidas.

Estes "capacetes azuis", cuja missão é essencialmente controlar o desarmamento e fiscalizar a desmobilização dos efectivos de ambas as partes, vão começar a chegar brevemente ao país, ao mesmo tempo que também está prevista a vinda amanhã de Patrick Blagden, especialista sénior do Departamento das Nações Unidas encarregue das Operações de Desminagem.

Blagden tem por missão aconselhar as partes no estabelecimento de um plano nacional de desminagem, cuja execução estará a cargo de uma empresa que ainda não foi nomeada, dos peritos da ONU e dos sectores de Engenharia das forças governamentais e da Renamo.

O controlo das operações de desminagem está sob responsabilidade da Comissão de Cessar-Fogo, que para o efeito foi mandatada pela Comissão de Supervisão e Controlo.

## DHLAKAMA ACUSA GOVERNO

Entretanto, o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, acusa o Governo moçambicano de provocar o reinício da guerra no país, devido ao que ele considera de "graves violações" do Acordo Geral de Paz, assinado pelas duas partes em Outubro passado na

capital italiana.

Numa entrevista que concedeu na segunda-feira passada à Rádio-Televisão Portuguesa (RTP), o dirigente da Renamo afirma que só a paciência do seu movimento evitou que a guerra não tivesse já recomeçado em Moçambique, nos últimos meses.

Afonso Dhlakama destacou como principais sinais dessas violações a integração na Polícia pública de soldados desmobilizados do Exército, em número que situou em três mil homens.

Além disso, acrescentou, o Governo integrou também na Polícia mais de 200 agentes dos Serviços de Informação e Segurança do Estado (SISE).

Dhlakama traçou aqui um paralelismo com os acontecimentos em Angola, afirmando que se a Renamo não fosse mais paciente do que a UNITA, a guerra já teria recomeçado em Moçambique.

Na mesma entrevista concedida na sua base em Maríngué, na província de Sofala, o líder da Renamo criticou asperamente a comunidade internacional, acusando-a de favorecer o

Governo e a Frelimo, apoiando as suas acções e ignorando a Renamo.

Neste capítulo, Dhlakama foi particularmente directo nas críticas ao Governo português, acusando-o de indiferença e de ignorar o seu movimento.

## Missão militar portuguesa visita Moçambique

Uma missão militar portuguesa iniciou ontem contactos com as autoridades governamentais e do Exército moçambicano, no que foi descrito como uma primeira avaliação sobre a futura participação portuguesa na formação do Exército Nacional, soube o "Notícias" de fonte diplomática.

A missão político-militar, que é chefiada pelo diplomata António Sennefelt, chegou a Maputo na passada segunda-feira, tendo já mantido encontros com o Tenente-General Hama Thai, com o Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Manuel dos Santos, e com o Ministro dos Recursos Minerais, John Kachamila, na sua qualidade de membro da Comissão Nacional para a Paz.

Segundo dados a que o "Notícias" teve acesso, os militares portugueses vão também manter diversos encontros de "esclarecimento" com a Renamo, e com outros partidos da oposição no país.

